

O(S) EU(S) NO OUTRO, O(S) OUTRO(S) NO EU

*(Exploração da Identificação Projectiva através da Simbolização
no estudo do Rorschach em Pré-Adolescentes)*

Artigo da Tese de Dissertação da Licenciatura em Psicologia Aplicada
Área da Psicologia Clínica

2000 (revisto em 2013)

Maria Paula Dias
Mestre em Psicopatologia e Psicologia Clínica

Contato:
psic.pauladias@gmail.com

RESUMO

O estudo que aqui se descreve é um estudo exploratório sobre a relação que o pré-adolescente estabelece consigo e com o(s) outro(s). É utilizado o Método Rorschach preconizado pela Escola Francesa e também numa reformulação possível que assenta no processo-resposta-Rorschach e na situação projectiva. O objecto do estudo é o papel do outro no processo de subjectivação pré-adolescente. Foi operacionalizado através da conceptualização de W.Bion para o mecanismo de identificação projectiva empática. Mecanismo de identificação, Mecanismo de constituição e transformação em relação.

Palavras-chave: Mecanismo de identificação projectiva, empatia, relação eu-outro, continente-conteúdo, pensamento

O PROCESSO ADOLESCENTE E A IDENTIFICAÇÃO PROJECTIVA

Encaramos a adolescência como um processo de transformação e evolução simbólicas, justificado pelo conjunto de mudanças corporais e psíquicas. É um Tempo de espera, de limite e limitador, entre a infância e a adultícia, que a define como espaço único de construção. Segundo Dias Cordeiro (1988) que bem ensaia uma descrição completa dos processos psíquicos adolescentes, a Adolescência é um tempo de indefinição que se poderá traduzir nas dificuldades ao nível das diferenciações entre o interno-externo, adulto-infantil, bom-mau e masculino-feminino e por isso um tempo de procura. A Adolescência impõe ao adolescente a tarefa de se representar a si como independente e narcisicamente suficiente assim como o de se afirmar a nível objectal, por isso é um momento único de reactualização e ligação ao mundo sexualizado. A (re) construção duma imagem integrada passa, como afirma Braconnier(1985), por momentos de dispersão e integração, contrabalançando estímulos interiores e exteriores, permitindo desta forma um (novo) trabalho de ligação e integração. Recordando M. Klein (in Segal, H. 1973/1993; Grostein, (1985) e Bion (in Zimmerman, D, 1995) podemos pensar que os movimentos entre a dispersão e a integração, ou seja $PS \leftrightarrow D$, vão promover processos psíquicos de pensamento, conhecimento e simbolização, uma vez que a *mudança catastrófica* (Bion, cit in Zimmerman, 1995) que caracteriza esta fase do desenvolvimento (Salgueiro, 1990), impõe ao adolescente o rompimento dos laços estabelecidos e compensadores no existir de outrora.

O restabelecimento do equilíbrio narcísico e a reorganização do sistema relacional afasta-se do meio familiar, e trilha um percurso no exterior, pelo outro(s). Assiste-se a uma inversão nas prioridades do adolescente, sendo o mundo externo preterido em detrimento do mundo interno, (Birraux, 1983). Para alguns autores, a reorganização desse mundo interno, posto de lado, em determinadas alturas, exige um *trabalho de luto* tal como é referido por Amaral Dias (1986) e Blos (1985) que defendem um retorno à *posição depressiva* (Klein,M. cit in Segal, H. 1973), enquanto que para outros autores, tais como Salgueiro(1990), Jeammet (1994), a tarefa adolescente expressa-se na capacidade de deslocamento dos investimentos para outros modelos identificatórios sem perda dos anteriores o que possibilita um enriquecimento, simbólico, dos próprios investimentos. Em última análise existe concordância sobre a mudança relacional face às figuras parentais decorrente dum acréscimo identificatório com as mesmas. Defendemos também, numa perspectiva semelhante a Salgueiro, E. (1990) que não existe ruptura face às figuras parentais, tal como não há ruptura com um passado infantil, mas sim uma reconstrução do mundo interno do adolescente assim como do mundo externo. Ocorrem movimentos psíquicos alternantes e que ligam e integram, reparando e simbolizando objectos e relações. Salgueiro (1990) confirma a adolescência como processo de recriação, uma vez que defende que as figuras parentais ganham complexidade e ajudam a reestruturar os objectivos internos primordiais, sendo

suportes estaveis para atingir o estado adulto pela esclarecimento que acrescem à consolidação narcisica que ocorre. Numa terminologia bioniana, Salgueiro, (1990), esclarece que o amor dos pais - $+L$ - seria substituído por um ódio ($+H$) ligado à decepção e à desidealização e por consequência à frustração que fomenta a condição para o desenvolvimento da *função K*, do conhecimento. Tal como refere Bion (in Zimmerman, D., 1995) a propósito da ausência, Salgueiro, E., (1990) defende que se a capacidade para tolerar a separação, a falta e/ou frustração sentida por parte do adolescente for suficiente, a promoção para o desenvolvimento do pensar (na ausência do objecto gratificante) é eminente. Se essa capacidade não for suficiente, toda a evolução adolescente ficará comprometida podendo mesmo não haver separação e exploração do meio extra-familiar, do(s) outro(s), de si próprio. Em Ladame (1985) também encontramos a descrição de uma auto-representação estável para que as experiências contínuas de descontinuidade que ocorrem na adolescência sirvam de reforço a um sentimento de permanência e não criem fractura. Na relação com os outros extra-familiares, assiste-se ao desejo de pertença, ao recriar modalidades de relações e de identificações. O(s) Outro(s) surjem pela reparação, pela conquista de uma interioridade, o reconhecimento em si e no outro, além fronteiras infantis numa perspectiva de rompimento da “*memória psíquica*” e não de “*continuidade psíquica*” (Braconnier, 1985). Amaral Dias (1986), retomando o conceito de identificação de identificação projectiva de Klein (1946) , alargado por Bion(in Bion 1991) a partir da definição da relação *continente-conteúdo*, salienta que o reinvestimento que o adolescente, -principalmente o pré-adolescente- faz do seu corpo, da sua representação e actualização com vista à consolidação, passa por uma dinâmica interno-externo como via normal que permite ao adolescente integrar uma imagem unificada do corpo e do próprio self. Num processo descrito por Bion na sua definição de identificação projectiva que abarca um registo comunicacional numa relação bidireccional entre um *continente* e um *conteúdo* (in Zimmerman, D, 1995), Amaral Dias (1986) explicita que ao projectar *elementos β* (elementos não elaborados, desconhecidos) num registo comunicacional com o outro que os elabora (em *elementos α*) e os devolve, o adolescente vai integra-los e mentaliza-los de forma unificada num processo semelhante ao que terá efectuado no decurso da infância, sendo agora perante um meio mais alargado onde entra a diferenciação de cada continente e onde não é só projectado um continente mas também um *continente-conteúdo*, sendo o papel desempenhado por um outro- igual e diferente- imprescindível no investimento e consequente re-estruturação corporal. O outro permite ao sujeito, num duplo processo de projecção e identificação, “*trazer de volta (...) à personalidade partículas expelidas e os seus acréscimos....*” (cit. In Grotstein, J. 1985, p. 155), isto é, comportando sempre uma relação com um outro, a identificação projectiva é um tipo de defesa pela qual é possível o sujeito distanciar-se numa parte do self que ou é não desejada ou sentida interiormente como um perigo, mantendo simultaneamente essa parte “viva” em imaginação, no interior de outra pessoa; um modo de comunicação que consiste em levar o outro a sentir sentimentos semelhantes aos seus; um tipo de relação de objecto na qual o que projecta

reconhece aquele que recebeu a projecção como sendo suficientemente separado dele mesmo e ao mesmo tempo suficientemente indiferenciado para manter a ilusão de partilhar um sentimento particular com outra pessoa; uma via de mudança psicológica pela qual, sentimentos semelhantes àqueles dos quais o próprio se pretende libertar, são processados por outra pessoa, assim o projectador pode em seguida identificar-se com o processo de elaboração do receptor dos sentimentos que nele engendrou, (Ogden, 1994). Se pensarmos que este mecanismo se refere aos processos que ocorrem na fantasia, processos de mudança, de transformação na representação mental do eu e do objecto, referindo-se portanto à diferenciação das representações mentais do Self e do objecto (Sandler, 1989), estando então ligado aos primeiros movimentos, tal como Klein defende (in Segal, 1973), de ser e estar separado, ao sentimento do Eu e do Outro, compreendemos a definição de identificação projectiva de Ogdens(1972, cit in Amaral Dias, 1986) ligada à percepção dos processos que se desenrolam no interior dos adolescentes, como também de certas interacções específicas entre estes, onde o papel de um outro, o jogo oscilante entre o eu e o outro são claramente importantes, para o pensar, para o simbolizar. Pela colisão, transgressão e desrealização, há uma procura e submissão ao olhar do outro, “*o outro que poderá acolher, conter e mesmo transformar os efeitos dessa colisão*” (Marques, M. E., 1994, p. 475), delimitando e conferindo significado à realidade interna e externa. O adolescente refugia-se na vida em grupo, onde as diversas partes clivadas do self e do objecto podem ser externalizadas sobre os diversos membros, em que não existe o receio de retaliação ou rejeição, pois é suportado por um jogo complexo de identificações projectivas cruzadas. É o grupo que funciona maioritariamente como continente das angústias adolescentes, funciona como *instrumento do pensamento* (cit. In Bégoïn-Guinard, F. 1991).

O MÉTODO RORSCHACH

O Rorschach surge neste trabalho como instrumento que possibilita estudar a forma como o sujeito *vive e se vive na relação que estabelece consigo próprio e com o(s) outro(s)* (Marques, M. E. & Aleixo, P., 1994,). É um instrumento que pelos estudos efectuados, possibilita de forma fidedigna interpretar e analisar processos de reconstrução de sentidos, de significados promovidos pelo *não-sentido* legitimado nas qualidades intrínsecas do material. A caracterização do Rorschach como Método assenta essencialmente na Escola Francesa (Traubenberg, N.R., 1983, Chabert, C. 1988, 2004). Neste trabalho na base da escola francesa, explicitamos ainda a situação projectiva também em Portugal estudada como situação intersubjectiva e como processo-resposta-Rorschach. O Processo-resposta-Rorschach é entendido como impondo um trabalho interno de ligação e integração do mundo interno e do mundo externo, uma actividade que se pode clarificar como o pensar do adolescente sobre si e sobre o outro. A situação Rorschach pode ser definida como o “*encontro entre duas subjectividades que irão construir*

uma intersubjectividade numa interacção singular e singularizante que interfere e cria a tarefa a levar a termo, isto é, interpretar por exemplo as manchas Rorschach” (Marques, M. E. 1994, p. 436). Trabalhando então na intersubjectividade mas sempre com objectivos na intra-subjectividade, podemos compreender que deste nivelamento da interacção que ocorre na situação projectiva, decorre um processo de “ reconciliação e reunião dos elementos significativos para os dois intervenientes no processo de conhecimento, na procura do sentido mais próximo possível da subjectividade daquele que pretendemos avaliar (op. Cit. In Marques, M.E., 1994, p.474). A situação projectiva tomada no seu conjunto-contexto, relação, características e a instrução dada- mobiliza um processo de resposta que é comunicada ao psicólogo sob a forma de imagens-conceitos, sob a forma de símbolos. O processo de formação de símbolos que está implícito nas respostas Rorschach visa a estabilização do mundo psíquico, através da identificação projectiva, após a vivência de um caos produzido precisamente pela situação catastrófica que caracteriza a situação projectiva, podem ser compreendidas pela acção da identificação projectiva operacionalizada por Bion (1959). Quando ocorre a transformação em palavra da impressão sensorial, torna-se então, explícito, o encontro entre o dentro e o fora, entre o passado e o presente, entre o sujeito e o objecto, uma vez que esta implícito num eixo comunicativo- na passagem da equação simbólica à representação simbólica – a criação duma imagem-conceito, que alberga em si uma certa coincidência com o objecto (concreto), mas também uma recriação deste. Desta forma, as respostas Rorschach impõem e revelam o nível de destriça entre o sujeito e o objecto, entre a realidade interna e a realidade externa, revelam a natureza dos objectos internos solicitados pelos objectos externos, expondo, portanto a natureza do próprio sujeito e das suas relações com os objectos. Do encontro entre subjectivos no qual se funda o processo de elaboração duma resposta Rorschach, surge a expressão do sujeito, enquanto resultado através do qual se expressam os sentidos e/ou os não-sentidos que emergem do conteúdo latente do cartão e do conteúdo latente da resposta do sujeito. Enquanto objecto potencial, imaginado, o Rorschach vai permitir uma elaboração da percepção em função das preocupações essenciais do sujeito, dos modos de organização da sua relação aos objectos e dos fantasmas e afectos subentendidos nas palavras-imagens que vai dando. (Chabert,C., 1998, 2004), numa espécie de compromisso possível para o sujeito entre aquilo que de mais significativo rege a sua realidade e aquilo que de mais significativo retém da sua realidade externa. Assim, o Método Rorschach poderá se caracterizar numa tríade de concepções: Situação projectiva, processo resposta Rorschach e simbolo.

O ESTUDO

- Problema –

O que se pretendeu neste estudo foi compreender a expressão adolescente enquanto expressão em constante renovação, enquanto expressão que nos dá conta das modalidades pré-adolescentes registadas na procura da representação de si e do outro e manifestamente no seu desejo em conhecer e crescer. Com objectivos no estabelecimento dos processos mentais envolvidos na pré-adolescência, principalmente na relação eu-outro(s), pensámos no Rorschach como instrumento que permite aceder às modalidades de funcionamento do grupo em estudo. Trabalhado como espaço de relação, transformação e simbolização, inscrevemo-nos, portanto, na busca do pensamento e do conhecimento, pela compreensão das modalidades de funcionamentos do pré-adolescente, fundadas na relação com o(s) outro(s) e onde se debatem questões importantes tais como a estruturação, organização e recriação dos seus objectos internos e externos. Neste intercâmbio oscilante característico da pré-adolescência, no qual se justifica o uso da identificação projectiva, traça-se num “ir e vir” de conteúdos cruzados, uma relação que pode desempenhar a função de continente significador e de significação. Partindo de uma revisão bibliográfica assente nos processos de simbolização na adolescência ligados e integrados e à luz das teorias de relação, pensamento, conhecimento e crescimento, destacámos neste estudo a noção de identificação projectiva entendida como um mecanismo no qual o Eu experimenta a fantasia inconsciente de transmutar aspectos de si mesmo para um objecto, com fins na exploração, do exterior ou interior, ou como mecanismo defensivo (Sandler, J. 1987). No sentido bioniano, a identificação projectiva, permite, pela relação *continente-conteúdo*, um processo transformacional que possibilita o pensar e simbolizar, partindo do outro que surge como detentor de qualidades psíquicas que traça na comunicação entre o “eu” e o “outro”, a passagem (simbólica) entre elementos não elaborados e os elementos significáveis, a partir da função *alfa*. *Através da noção de identificação projectiva*, na base da relação (*continente-conteúdo*), torna-se possível perceber as relações que se estabelecem entre o sujeito e o objecto assim como entre as diversas partes do sujeito, se pensarmos na identificação projectiva como veículo comunicativo.

– Procedimentos –

Aplicámos o Rorschach a dois pré-adolescentes seleccionados em consonância com os parâmetros estabelecidos nos objectivos dos quais salientamos o estatuto sócio-económico, a não reprovção escolar e o pertencer à faixa etária pretendida (11-14 anos). Os protocolos apresentados referem-se a uma pré-adolescente com 11 anos e um pré-adolescente com 12 anos.



- Análise e Interpretação Rorschach -

Partindo, então, dos parâmetros de análise da Escola Francesa(que consistem no investimento e representação de si – a partir da vivência corporal- e da representação das relações – a partir das características e qualidades das identificações primárias e identificações secundárias e das concepções abordadas face a um quadro teórico assente nas noções de simbolização, relação, comunicação, transformação, conhecimento e crescimento, a análise e interpretação dos protocolos baseou-se em duas etapas que se interligam e integram permitindo aceder ao objecto e objectivos a que nos propusemos neste estudo , a partir dum repensar o Rorschach, enquanto processo-resposta Rorschach e enquanto situação projectiva. As obras nas quais nos apoiamos foram as da Escola Francesa (Traunbenberg, 1983, Chabert, 1998, 2004) e Marques (2001).

Numa primeira fase justificou-se o estudo da expressão do sujeito e constou duma análise dos efeitos do estímulo (mancha Rorschach) no sujeito, “ *num reconhecimento mais ou menos explícito das referências simbólicas dos cartões, que se traduz, na melhor das hipóteses, por uma correspondência ressonante entre o conteúdo latente do estímulo e o conteúdo latente da resposta*” (op. Cit. Chabert, C., 1999, p. 62). Esta análise circundou o processo-resposta Rorschach e como tal conteve o estudo do balanceamento entre a actividade perceptiva e a actividade projectiva. Procurou-se compreender em que medida o sujeito se movimenta no jogo oscilante entre a projecção e a percepção a partir da análise assente nos elementos de cotação e nos organizadores assentes da representação de si e representação das relações assim como no simbolismo dos cartões.

Numa segunda fase, procedemos ao estudo da natureza da expressão do sujeito, ao estudo da actividade mental que levou à resposta do sujeito, à imagem-conceito criada, para numa terceira e ultima fase se apreender o mecanismo de identificação projectiva entendido como conceito de significação e significador da natureza da actividade mental do sujeito envolvido na situação projectiva, com base no conceito de relação, uma vez que sentidas as manchas Rorschach como objecto externo e que contêm na ambiguidade desconhecido/conhecido, familiar/não familiar, qualidades psíquicas que mobilizam uma animação identificatória entre o sujeito e o objecto e o objecto e o sujeito. Na segunda fase registámos a nossa atenção para actividade que se impõe na formação de um símbolo que decorre da relação com o objecto exterior e que suscita o sujeito a pensar. Podemos afirmar que esta fase incidiu então no percurso que o sujeito fez da *pré-concepção* até à *concepção*, num processo no qual se impõe a ligação, transformação e significação e a (re)criação através do pensamento, conhecimento e simbolização.

A partir do estudo dos elementos de cotação ligado e integrado a uma análise intra e inter-cartões e estando o símbolo explorado, torna-se possível compreender os processos que o sujeito adopta na criação duma resposta Rorschach. Tornou-se importante perceber os movimentos progredientes e regredientes que o sujeito opera no confronto com a mancha Rorschach, pois será a partir dessa explicitação que nos é possível compreender as suas funções e lugares no funcionamento e funcionabilidade para o sujeito, isto é, é nos possível compreender a harmonia possível que o sujeito opera numa articulação entre o interno e o externo e entre as diversas partes de si próprio. Neste compromisso expressa-se então, por um lado a diferenciação figura/fundo, dentro/fora e sujeito e objecto, a partir de movimentos bidireccionais de dispersão e integração e que levam à firmação de limites do “eu” e do “outro” e por outro lado à significação quer do objecto (re)criado assim como do próprio sujeito, que se estabelece a partir duma relação *continente-conteúdo* e que permite pela *barreira de contacto* a comunicação entre o sujeito e o objecto e entre as diversas partes do sujeito. Será, portanto através do estudo deste caminho mental traçado na ligação, transformação, (re)constituição e (re)significação do mundo interno e do mundo externo que se vai expressar a natureza da expressão do sujeito, a partir da emergência da simbolização e como tal do pensamento.

Na terceira etapa e pensando na simbolização como uma espécie de resultado ou produto da (inter)acção da identificação projectiva, apoiando-nos no pensamento de Segal (1973) no que diz respeito à *formação de símbolos* e no modelo de identificação projectiva como estando na base dessa formação, tentámos compreender a acção do sujeito em interpretar e pensar sobre e na mancha Rorschach como uma acção que se inscreve no conceito de relação – na noção que o sujeito tem de relação estruturalmente vivida e sentida – que serve de continente ancorador e significador dos conteúdos “analfabetizados” quer do sujeito, quer da mancha apreendida como objecto exterior, como outro (outro-mancha).

Por fim, e estando o método Rorschach caracterizado através de dois parâmetros, o processo-resposta Rorschach e a situação projectiva, importa referir que – neste discurso procedimental no qual se impõe tentativa processual de desconstrução de sentidos para uma nova construção com sentido nos sentidos, significados, símbolos, dos sujeitos estudados – o estudo da situação que permite o dar sentido à tarefa, às respostas do sujeito foi pensada como contentora de todo o processo-resposta Rorschach.

– Resultados e Conclusões –

Da abordagem e análise que fizemos dos protocolos dos dois pré-adolescentes, salientamos os resultados mais relevantes e conclusivos:

1. Na flutuação entre dois mundos, as necessidades dos dois pré-adolescentes de se movimentarem na procura da sua integração física e psicológica surge como prioridade, mesmo na dualidade entre o desejo sobre o futuro, sobre as identificações sexuais, e o receio sobre esse, misturado numa negação quase tentadora de permanência num regresso ao passado infantil.

2. Dos recursos efectuados percebemos o retraimento narcísico como continente das inquietações face ao outro que impôs, pelas suas qualidades intrínsecas, o pensar na relação que o sujeito estabelece consigo próprio e com o outro – igual e diferente –, tomando como exemplo manifesto da análise dos protocolos, a resposta ao cartão VII, “*um cão*”, numa referência ao sedoso “*parece que tem pêlo*”, enquanto continente de “*textura*” que albergue o sentido perdido na resposta anterior (“*Uma boneca*”); outro exemplo, a resposta ao cartão VI “*...um gato esmigalhado....*”; “*parece assim todo lisinho no pelinho*”.

3. Percebe-se movimentos de integração e ligação entre o mundo interno e o mundo externo, que possibilita numa relação continente-conteúdo, um processo de envolvimento que acede, na reconstrução e reciprocidade mútua, a novas ligações e integrações que permitem, pelo conhecimento, o crescimento.

4. A situação projectiva é vivenciada pelos dois pré-adolescentes como uma situação caótica na qual a impossibilidade da sua elaboração desenha-se numa mistura com as qualidades dos cartões Rorschach onde o conteúdo latente que implica o reconhecimento e investimento das relações que o sujeito estabelece com os outros, iguais e diferentes. Da entrada na situação por exemplo, é possível observar alguma ineficácia que se traduz na incapacidade de elaboração do caos psíquico expressa na desordem das diferentes tentativas de encontrar um sentido para o não-sentido (Numa apreensão global do cartão I: “*uma raposa com quatro olhos*”.....”; “*um coelho aqui com os dentes*” “*parece assim...uma mosca tipo escaravelho*”).

5. Desta situação, emerge ainda de forma caótica, e que implica a expulsão de elementos intoxicados pela impossibilidade de albergar num espaço psíquico, a sua transformação e significação, através da noção de relação estruturalmente vivida por estes pré-adolescentes e que assenta no desejo de reconstrução e reconstituição de si próprio através do outro. Esta situação é possível de se explicitar através da dualidade de investimentos entre o dentro e o fora, isto é, os pré-adolescentes pretendem na recriação dum objecto, a procura dum continente exterior que signifique os conteúdos interiores e a procura dum continente interior que signifique os conteúdos exteriores, numa relação entre o eu e o outro, na qual se estabelece a prioridade de

integração corporal a partir da recriação de si próprio através do outro, e a recriação do outro, através de si. Esta situação poderá ser analisada no cartão II, onde nos é possível perceber que após uma entrada directa num detalhe vermelho surge uma resposta que assenta num corpo atingido que se justifica no confronto directo com o relacional na sua integração ao pulsional “ *o que é isto?...uma mosca.... Com cinco olhos*” numa integração intra macular do branco. Esta situação levou o sujeito a procurar um ancoramento no banal e estancar num continente interno que conteve o objecto exterior e o objecto interno por sua “vez”, “ *dois coelhinhos a olhar um para o outro*”, num deslocamento em engramas animais.

6.Parece-nos que a desorganização que promove a ansiedade de “jogar” neste duplo investimento, “sem vez” e ao mesmo tempo “na mesma vez”, ou seja, sem ordem, “*caótica*”, prende-se com as questões ligadas à diferenciação sexual e que não possibilita a significação primeiro da ansiedade que se transporta nessa situação e depois o investimento e a sua representação. Num duplo investimento entre o dentro e o fora , numa tentativa de englobar e integrar as qualidades perceptivas assim como das imagens entre si, num mesmo espaço e tempo, no cartão VIII, surge como primeira e seguinte respostas: “*uma pessoa com a cara pintada*”; “ *um crânio de alguém*” ; (no inquérito: “ *parece a cara duma pessoa mas estas coisinhas brancas já parece mais um crânio*”).

7.Parece-nos que quando confrontados, pelo pensamento imposto quer pela situação projectiva, quer pelas qualidades intrínsecas dos cartões, com o estabelecimento de relações com o outro diferente, parece-nos então que o desejo sobre esse futuro é maior que a vontade, uma vez que esta implica as suas faculdades psicológicas – e uma vez que as físicas se encaminham – de realizar o objecto de desejo, na sua plenitude de significação e elaboração, compactuando, desta forma, com o conhecimento pelo reconhecimento. Desta forma, é possível observar, face ao impacto dos cartões (II; III) que implicam o reconhecimento do relacional imbuído no pulsional, a inversão do vínculo K (Cartão III- “ *um boi*”), que mesmo no conhecimento, de detalhes fálicos (“ *...os chifres....*”) por exemplo, implicam uma relação entre o pensador e os seus pensamentos como parasitária, na qual o sujeito prefere a mentira do que o reconhecimento das suas verdades internas. Deste exemplo, sugere-nos explicitar na fusão entre interior e exterior e exterior e interior, embrulha-se uma inquietação do pré-adolescente estudado, pela não diferenciação de si e do outro, nesta tentativa de reconstrução recíproca, na qual “a vez” ora dos elementos internos ora dos elementos externos se juntam numa apreensão global com inclusão do branco, reclamando então um corpo frágil.



8. Parece-nos também que a fragilidade corporal que estes dois pré-adolescentes apresentam se legitima, na espera dum espaço psíquico renovado e num processo que culmine na formação do símbolo numa acção do tipo desligação-ligação-desligação, na inibição por um corpo atingido no qual não é possível albergar de novo a desligação, a separação. A capacidade de separar e fundir simultaneamente o dentro e o fora, entorna, na pré-adolescência, o mundo interno sobre o mundo externo, a partir duma relação que se pretende como simbiótica, entre um continente externo e os conteúdos internos que se pretendem reter pela (re)significação e reconstrução de si próprio através do(s) outro(s), numa busca duma renovada barreira de contacto e função alfa que inaugurem o novo espaço psíquico. Do uso da identificação projectiva retivemos então o seu uso excessivo que caracteriza alguma indiferenciação entre o eu e o outro, mas que no ancoramento ao real, permite a integração do pré-adolescente, nos modos processuais referidos acima. Pensamos também que esta indiferenciação aumenta quando a representação da relação é imposta pelo pensar sobre essa, numa espécie de proporcionalidade directa à relação estabelecida na situação projectiva, e na qual é possível observar a interrupção da comunicação entre o eu e o outro – psicóloga – que advém da interrupção da comunicação entre o sujeito e o outro – mancha -. A reconstrução da representação de si rasa a projecção do mundo interior sobre o mundo exterior, no entanto, na imposição duma relação continente-conteúdo entre o eu e outro(mancha) que se caracteriza como comensal, é possível o conhecimento, pelo crescimento psicológico, que com certeza não acompanha o crescimento físico. Por exemplo, do cartão V, do ancoramento num continente colectivo –banal-, nasce a possibilidade da recriação de um mesmo objecto (*Borboleta, pássaro e morcego*) que permite movimentos sobre um futuro, através da exploração em detalhe, (*e depois às pontas da asa da borboleta parecem dois crocodilos...” por causa da cabeça..e da boca*”), resguardando-se num entanto num passado de integração corporal.

9. Por fim, sobre o desejo sobre o futuro, parece-nos que este se faz sempre partindo do outro igual, mas que delinea na procura dum continente “social” no qual se inserem os julgamentos sobre o outro e conseqüentemente sobre si próprio e que possibilita na elaboração das angústias referentes à diferenciação, a própria existência, pela possibilidade –de se sentir separado- contida na hipótese de se ser valorizado ou desvalorizado (Cartão III- “*uma aranha!Daquelas feias!*” ; Cartão VII- “*duas mulhersinhas a dançarem*”), numa espécie de clivagem entre o ser e não ser.

V – CONCLUSÃO

Concluiu-se então que por um lado que o pré-adolescente procura a sua integração física e psicológica a partir de movimentos bidireccionais entre um continente e um conteúdo e entre a dispersão e a integração, levando à construção de si pelo o outro, e do outro, através de si numa reciprocidade de investimentos que permitem o seu crescimento a partir da reconstrução, numa diferenciação que se inicia entre o ser e não ser e que depois se especifica entre o feminino e o masculino. Contudo, por outro lado, este percurso, acarreta inquietações que, no facto de ainda não ser e do já não ser, levantam intensidades no sentir que se assemelham à dispersão corporal e mental, numa proporcionalidade directa com um mundo interno tumultuoso que leva ao emprego da identificação projectiva ora na sua vertente de comunicação entre o mundo interno e o mundo externo, ora na sua vertente excessiva que caracteriza a expulsão de partes de si sobre o outro, com vista ao atenuamento da inquietação dum corpo vivenciado na estranheza de ser mas que permite nalguma invisibilidade temporária, o sonhar primeiro no outro e depois sobre o outro.

Assim, por último, pensamos que este trabalho serviu propósitos de confirmar o quando e como, se confere a utilização do mecanismo de identificação projectiva que o pré-adolescente faz uso (e abuso) na demanda de transformação simbólica que caracteriza a adolescência como um processo.

Ainda sobre este estudo, destacamos que, nesta construção de novos sentidos que se pretenderam no ir ao encontro do outro, dos sentidos por si criados, é, ainda possível pensar que a flutuação, descrita nos resultados, entre o passado e o futuro, implica numa atitude quase na tentação da psicométrica pelo reconfirmar do já dito e redito, uma vez que pensamos “rigidamente” que essa flutuação é de facto uma flutuação, *um* limite entre *dois*, onde a possibilidade de recuar nunca abdica dos processos bidireccionais entre a dispersão e a integração e entre um continente e um conteúdo, uma vez que o regresso ao passado só é possível na sua reelaboração, assim como a possibilidade de avançar para um futuro também se encadeia nos mesmos moldes processuais, onde a sua possibilidade de significação implica também um processo de simbolização.

Por fim, enquanto conceito psicodinâmico e psicoterapêutico, parece-nos que é de importância fulcral o seu estudo, não só na adolescência, mas também enquanto fazendo parte de processos patológicos e também de processos evolutivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaral Dias, C. (1986). Pré-Adolescência, neurose de angústia e identificação projectiva. *Jornal de Psicologia*, 5, 21-35

Bégoïn-Guignard, F. (1991). Identification Projective et identité de groupe. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*. 10, 23-45

Bion, W. R. (1963). *Elementos em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1991

Birraux, A. (1983). Notes sur le monde interne de l'adolescent. *Adolescence*, 1 (1), 135-137

Blos, P. (1962). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1985

Braconnier, A. (1995). Ruptures et séparations. *Adolescence*, 3 (1), 5- 19

Chabert, C. (1998). *O Rorschach na Clínica do Adulto: Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores, 1997

Dias Cordeiro, J. (1988). *Os adolescentes por dentro*. Lisboa: edições Salamandra

Grostein, J. (1981). *A Divisão e a Identificação Projectiva*. Rio de Janeiro: Imago, 1985

Jeammet, P.(1984). Les vicissitudes du travail de separation à l'adolescence. *Neuropsychiatrie de l'enfant*. 42(8-9), 395-402

Ladame, F. G. (1980). L'adolescent en psychanalyse: résistances intérieures et résistances extérieures. *Rev. Franç. Psycanal*. 3-4, 571-579

Ladame, F. (1985). Rupture ou discontinuité. *Adolescence*, 3(1), 155-158

Marques, M. E. (1990). A Transcrição no Rorschach das Expressões Masculina e Feminina da Pré-Adolescência e da Adolescência. In M. Sá (Ed.), *Actas de Psicologia Clínica* (pp. 171-181). Lisboa : Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica

Marques, M. E. (1991). As manifestações dos mecanismos adaptativos/defensivos no Rorschach de adolescentes. *Análise Psicológica* IX (2), 203-209

Marques, M. E. (1994). Do Desejo de Saber ao Saber do Desejo: Contributos para a caracterização da Situação Projectiva. *Análise Psicológica*, 12 (4), 431-439

Marques, M. E. (1994). A Metodologia Projectiva e a Avaliação Psicológica na(s) Adolescência(s): O(s) Sentido(s) do(s) Sentido(s). *Análise Psicológica*, 12(4), 473-479

Marques, M. E. & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a Revelação do Trabalho de Ligação e de Transformação do Interno e do Externo. *Análise Psicológica*. 12(4) 459- 462

Marques, M.E. (1996). Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach. *Análise Psicológica*, 14 (1), 39-44

Marques, M. E. (1996). Feminino, Fecundo e Finito. Expressões nos Rorschach de Adolescentes. *Análise Psicológica*, 14(1) 45- 52

Salgueiro, E. (1990). Breves reflexões sobre o narcisismo e o objecto estético na adolescência. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8, 71-75

Sandler, J. (1987). *Projecção, identificação e identificação projectiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989

Segal, H. (1964). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1973

Segal, H. (1991). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago, 1993

Zimmerman, D. (1995). *Bion- da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas

PROTÓCOLOS RORSCHACH

PROTOCOLO 1

I <p style="text-align: center;">7”</p> <p>^ 1-um monstro.....sim!Um monstro 28”</p>	<p>“ por causa das orelhas....e da barbinha</p>	<p><i>G FClob (A)</i></p>
II <p style="text-align: center;">12”</p> <p>^>v 2-uma formiga.....>v uma formiga 32”</p>	<p><i>Em G</i> “estas coisas parecem os dentes (<i>D verm sup.</i>)....tem mesmo o formato da cara duma formiga”</p>	<p><i>G bl F- Ad</i></p>
III <p style="text-align: center;">32”</p> <p>^<v>^v 3-um boi 37”</p>	<p><i>Em G</i> “A parte do focinho (<i>Dinf.int.</i>) e estas coisas aqui...como é que se chamam... os chifres! É a cara do Boi”</p>	<p><i>Gbl F- Ad</i></p>
IV <p style="text-align: center;">20”</p> <p>^<v>v>^ 4-um cão</p> <p>^ 5-metade dum corpo.....mais nada! (<i>ri-se</i>) 1’06”</p>	<p><i>Em G</i> “ por causa das orelhas (<i>Dlat</i>) e do focinho” <i>Em G</i> “tem os pés, as pernas e a anca”</p>	<p><i>G F+ A</i> <i>G F- Hd</i></p>
V <p style="text-align: center;">9”</p> <p>^ 6-uma borboleta</p> <p>^7-um passáro</p> <p>^ 8-um morcego, mais nada 29”</p>	<p>“as asas e estas partes daqui que são...que são...as antenas”</p> <p>“ por causa das asas e do corpinho”</p> <p>“por causa das asas e da cara também”, “esta era fácil”</p>	<p><i>G F+ A Ban</i> <i>G F+ A</i> <i>G F+ A</i></p>
VI <p style="text-align: center;">8”</p> <p>^v 9-uma cabeça de rato</p> <p>^<^ 10-um gato, mais nada! 1’06”</p>	<p><i>D sup.</i> <i>Em G</i> “por causa da cabeça, o focinho e das orelhas”</p>	<p><i>D F- Ad</i> <i>G(D) F- A</i></p>
VII <p style="text-align: center;">9”</p> <p>^v 11-uma boneca</p> <p>^<v>^v 12-um cão</p> <p>^<v>v>^ uma.....mais nada! 1’02”</p>	<p>“ tem aqui os braços, as perninhas e a cabecinha”</p> <p><i>D inf. (2/3)</i> “ está aqui o focinho (<i>Dinf.</i>) estas partes daqui..as orelhinhas, parece que tem pêlo... e a parte dos olhos (<i>Dbl</i>)”</p>	<p><i>G bl F- Obj</i> <i>D bl FE A</i></p>
VIII <p style="text-align: center;">26”</p> <p>^v^v 13-uma pessoa com a cara pintada</p>	<p><i>Gbl</i> “ tem aqui os olhos (<i>D rosa int.</i>), o nariz(<i>D azul</i>) e a boca(<i>D cinza</i>)..a cara”</p>	<p><i>G bl FC Hd</i></p>

√ 14-um crâneo de alguém, mais nada 1'10"	<i>D bl</i> “ parece a cara duma pessoa mas estas coisinhas brancas já parece mais um crâneo”	<i>G bl F- Anat</i>
IX 21” ^<v>v>^ 15-um cabrito ^<v>v>^ 16-uma cascata 52”	“ tem aqui as orelhas(<i>D laranja</i>), os olhos(<i>Dbl int</i>), a parte da cara(<i>Dverde</i>) e a boca (<i>Drosa</i>) “ as pedras estão aqui, as arvores e a água a cair(<i>Bl int.</i>)	<i>G bl F- A</i> <i>D bl Kob Nat</i>
X Ai!Esta! 10” √ 17-uma cabra ^>v^ 18-uma senhora com óculos e o cabelo pintado, mais nada! 51”	“ as pontas são o verde, os olhos são aqui, (<i>Damar.</i>), a boca aqui(<i>Dcinza</i>), mais a barba, o nariz(<i>Dazul</i>).....” os cabelos aqui(<i>Drosa</i>), os óculos e os olhos (<i>Dazul</i>) e a boca aqui(<i>Dverde</i>)”	<i>D bl F- A</i> <i>D bl FC Hd</i>

PROVA DAS ESCOLHAS:

+

- **X** -“ é a cabra porque tem mesmo o formato da cabra, é engraçada”
- **IX** “ porque é colorida, tem um formato engraçado”

-

- **VI**- “ não gostei por causa do focinho”
- **IV**- “é a cor escura e do formato, não gostei da metade do corpo”



PROTOCOLO 2

<p>I</p> <p style="text-align: center;">10"</p> <p>∧1-uma raposa com quatro olhos</p> <p>∨∧ 2-um coelho aqui com os dentes</p> <p>∨ 3-parece assim...uma mosca tipo escaravelho (<i>vira o cartão para o examinador</i>).....e não acho mais nada!</p> <p style="text-align: center;">55"</p>	<p><i>Em G , pela Forma</i></p> <p>“é uma raposa-coelho ou vice versa”</p> <p><i>Em G</i> “ aqui está o escaravelho, com as asinhas e o rabinho dele”</p>	<p><i>G bl F- A</i></p> <p><i>G F- A</i></p> <p><i>G F- A</i></p>
<p>II</p> <p style="text-align: center;">9"</p> <p>O que é isto?..... ∧∨.4-uma mosca.....com cinco olhos!</p> <p>∧ depois...parece..5-.dois coelhos...coelhinhos a olhar um para o outro.....</p> <p>∧.....6-com um coração no meio.....</p> <p>.....7- duas asinhas atrás</p> <p>∧.....8-e tem uma libelinha no meio</p> <p style="text-align: center;">43"</p>	<p><i>D verm</i> “ é a cabeça da mosca um olhinho.....não!espere aí, acho que é um coração”</p> <p><i>D lat. Pela forma</i></p> <p><i>D verm. Inf. Pela forma e pelo o vermelho</i></p> <p><i>D verm sup.</i> “ são as asas da mosca”</p> <p><i>Dbl</i> “porque tem mesmo a forma da libelinha, com as asas e tudo”</p>	<p><i>D bl F- Ad</i></p> <p><i>D Kan A Ban</i></p> <p><i>D FC Anat</i></p> <p><i>D F- Ad</i></p> <p><i>Dbl F- A</i></p>
<p>III</p> <p style="text-align: center;">3"</p> <p>∧∨9-isto parece uma mosca com duas pequenas asas</p> <p>∧∨10-parece também um escaravelho..</p> <p>∨ 11- Uma aranha!daquelas feias!</p> <p>∨12-estas coisinhas vermelhas parecem duas bengalas!</p> <p style="text-align: center;">1'10"</p>	<p><i>Em G pela forma e pela cor</i></p> <p><i>Em G pela forma e pela cor</i></p> <p><i>D inf. Int.</i> “tem as patas aqui...esta cor...parece uma aranha”</p> <p><i>D verm. lat.</i> <i>Pela forma</i></p>	<p><i>G bl F- A</i></p> <p><i>Gbl FC' A</i></p> <p><i>D Fclob A</i></p> <p><i>D F+ Obj.</i></p>
<p>IV</p> <p style="text-align: center;">7"</p> <p>∧...∨13-um morcego</p> <p>∧ 14-um monstro..com as duas patas aqui, o rabo dele e a cabeça lá no fundo de tudo!</p> <p style="text-align: center;">40"</p> <p style="text-align: center;">(pousa o cartão)</p>	<p><i>Em G pela forma</i></p> <p>por causa da forma...dos pés</p> <p>(delimita as imagens com o dedo)</p>	<p><i>G F+ A</i></p> <p><i>G FClob (H)</i></p>
<p>V</p> <p style="text-align: center;">2"</p> <p>∧ 15-uma borboleta</p>	<p><i>pela forma,</i></p>	<p><i>G F+ A Ban</i></p>

<p>> 16-e depois às pontas da asa da borboleta parecem dois crocodilos!</p> <p style="text-align: center;">39”</p>	<p><i>D lat</i> “por causa da cabeça...e da boca”</p>	<p><i>D F+ Ad</i></p>
<p>VI</p> <p style="text-align: center;">3”</p> <p>^ 17- Ah! Esta parece um gato esmigalhado, foi atropelado!</p> <p>∨∨∨ 18- a parte da frente da cabeça dum lobo</p> <p style="text-align: center;">53”</p>	<p>“porque parece assim todo lisinho, no pelinho!” (<i>gesticula</i>)</p> <p><i>D sup</i> “tem a forma do focinho dum cão, com os bigodes e tudo!”</p>	<p><i>G FE A</i> →<i>Kan</i></p> <p><i>D FE Ad</i></p>
<p>VII</p> <p style="text-align: center;">10”</p> <p>∧∨<∧ 19-duas mulherzinhas a dançarem</p> <p style="text-align: center;">23”</p> <p>(<i>Pousa o cartão, volta pegar e pousa de novo</i>)</p>	<p>“têm os pés, a saís, o corpo, as mãos e o cabelo.....assim também parecem duas indiazinhas por têm em cima...parece uma pena”</p>	<p><i>G K H</i></p>
<p>VIII</p> <p style="text-align: center;">3”</p> <p>∧ 20--dois tigres à ponta,</p> <p>∧ 21--uma borboleta...</p> <p>∧ 22--...com à ponta a cabeça dum dinaussauro</p> <p>∧ 23--e um esqueleto</p> <p>>∨ 24-- parece uma bacia.....a bacia do nosso corpo</p> <p style="text-align: center;">59”</p>	<p><i>D rosa lat. Pela forma (delimita a imagem)</i></p> <p><i>D laranja pelo formato</i></p> <p><i>D cinza</i> “parece uma forma de cabeça de passaro pré-histórico”</p> <p><i>Dbl</i> “ até estão aqui os dois pulmões”(D azul) (<i>R.A. : D F- Anat</i>)</p> <p><i>D rosa pelo formato (Delimita as imagens)</i></p>	<p><i>D F+ A Ban</i></p> <p><i>D F+ A</i></p> <p><i>D F- Ad</i></p> <p><i>Dbl F- Anat</i></p> <p><i>D F- Anat</i></p>
<p>IX</p> <p style="text-align: center;">13”</p> <p>∧<∨∧ 25--dois mochos</p> <p>∧∨<>∨ 26--cabeça duma mosca.. cá em cima..</p> <p>∧<>∨∧ 27--dois pulmões,</p> <p>∧∨>∧ 28--e uns narizes de pato...quero dizer o bico dum pato!</p> <p style="text-align: center;">56”</p>	<p><i>D laranj.</i> “ é a forma da cabeça...eles estão a espreitar entre as arvores” (<i>D verde</i>)</p> <p><i>D rosa</i> “ está aqui!Uma de cada lado”</p> <p><i>D verde</i> “ tem uma parecença duma forma dos nossos pulmões!”</p> <p><i>Dbl int.</i> “é por aqui que ele respira”</p>	<p><i>D Kan A</i></p> <p><i>D F+ Ad</i></p> <p><i>D F+ Anat</i></p> <p><i>Dbl F+ Ad</i></p>
<p>X</p> <p>“já acabou! Oh!</p> <p style="text-align: center;">23”</p> <p>∧ 29--duas casas alugadas!</p> <p>∧ 30-- Dois ratos à porrada</p>	<p><i>D azul</i> “parecem um caranguejo ou um buzio, é tipo uma concha!”</p> <p><i>D cinza</i> “estão aqui, são estes dois parecem mesmo que estão à porrada, não</p>	<p><i>D F+ A (Ban)</i></p> <p><i>D Kan A Ban</i></p>



<p>^v > ^ 31– a cara dum homen</p> <p>>v^ 32–um caranguejo</p> <p>>v 33–um morcego</p> <p style="text-align: right;"><i>I'38</i>"</p>	<p>é?"</p> <p><i>D bl</i> “ está aqui o nariz (<i>Dverde</i>), os olhos(<i>Damarelo</i>), e tem um capacete (<i>Drosa</i>)”</p> <p><i>Dcast. Lat.</i> “é a mesma coisa...tem a forma dum caranguejo”</p> <p><i>D azul</i> “tem o formato das asas, é pequenino, é este azul todo”</p>	<p><i>D bl F+ Hd</i></p> <p><i>D F+ A</i></p> <p><i>D F+ A</i></p>
---	---	--

PROVA DAS ESCOLHAS

+

- **VII** “por é engraçada ver as mulheres...esta parte da carola....do cabelo!”
- **III** “tem mesmo a forma do escaravelho e da mosca”

-

- **I** “ não gostei da forma, da pintura”
- **IV**“ porque é feia, por causa dos braços mal feitos e a cauda parece um aspirador”